

PLANO DE AULA

Tema: Letra “Q”

- Quaresmeira;
- Quero-quero

Objetivos;

- Conhecer a fauna e flora do cerrado;
- Compreender os conteúdos apresentados;
- Debater sobre os temas;
- Aplicar uma atividade no final das explicações.

Tempo estimado: Uma aula de 4 horas.

Material necessário

Papel A4; lápis de escrever; lápis colorido; borracha, Cartolinas, pincel de pelo e Tinta guache e duas caixas vazias de leite ou suco.

Desenvolvimento

1ª etapa: Explicar as características da Quasmeira e do Quero-Quero.

2ª etapa: Comentar sobre as ameaças às aves do Cerrado

3ª etapa: Realizar um “Jogo de palavras” com os nomes de plantas e animais do Cerrado que aprenderam até o momento; dividir a turma em dois grupos, o primeiro jogo a ser jogado será “Forca”, logo depois, Adedonha. A proposta dos jogos é entusiasmar cada vez mais os estudantes a escrever de uma forma divertida. E no final todos terão que produzir frases utilizando as palavras da forca e adedonha.

4ª etapa: Os estudantes confeccionarão um comedouro para pássaros que será posto em uma árvore da escola ou em um local que os pássaros possam comer.

Avaliação

Para avaliar o conteúdo aprendido pelos estudantes, no segundo momento será pedido que façam frases utilizando as características da árvore e ave. Com base nas frases vamos poder analisar o que o aluno aprendeu na aula. A confecção dos comedouros será para incentivar o cuidado dos estudantes com os pássaros.

QUARESMEIRA



Nome popular: quaresmeira, flor-de-quaresma

Ocorrência: Mata, Mata de Galeria

Distribuição: Goiás; é endêmica da Serra Dourada.

De nome científico “*Tibouchina granulosa*”, típica de cerrado, também é conhecida como cuipeúna, manacá-da-serra, flor-de-maio, flor-da-quaresma, jacatirão-de-capote e pau-de-flor. As espécies de maior ocorrência na Mata Atlântica são a *Tibouchina mutabilis* e a *Tibouchina sellowiana*.

Essa planta é uma árvore de aproximadamente dez metros de estatura originária do Brasil que possui a característica de apresentar uma floração bem intensa durante o começo do ano, coincidindo assim com o período da quaresma cristã, daí seu nome; que vai da quarta-feira de cinzas ao domingo de Páscoa, outra coincidência: a cor símbolo da Páscoa é o roxo, mesma tonalidade de cor das flores da quaresmeira. Durante o final do ano, na época do outono, a Quaresmeira também costuma florir se bem cuidada.

Ela possui uma copa geralmente densa com um verde escuro bem forte, o que faz dela uma árvore que dá bastante sombra todo ano, além de seus frutos serem bem pequenos e a queda deles não proporcionar riscos de danos a ninguém, graças a isso e a beleza de quando flori, esta árvore é muito aconselhada para quem deseja plantar em frente a sua casa.

Além da importância ecológica, a quaresmeira é muito utilizada na arborização urbana, com fins paisagísticos. As flores são solitárias, grandes, vistosas e duráveis. Desabroçam com a cor branca e gradativamente vão se tornando violáceas, passando pelo rosa. Esta particularidade faz com que na mesma planta sejam observadas flores de três cores.



Planta ornamental, apresenta floração abundante com flores alvas e casca do tronco escamando em lâminas finíssimas, parecendo papel de seda. É utilizada em arborização em ruas e praças.

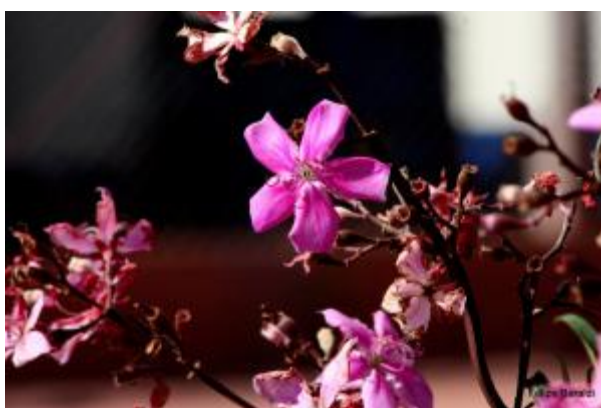


\ Na mata original, a quaresmeira pode viver de 60 a 70 anos. Com o estresse da cidade, elas vivem menos de 50 anos e podem florescer três vezes por ano. As maiores vítimas do estresse são as quaresmeiras que se encontram isoladas nas ruas. Os vilões são o monóxido de carbono, produzido pela queima de combustível dos veículos, e o ozônio. A falta de adubação, o pequeno espaço para crescer e expandir suas raízes e as podas drásticas também apressam a morte das quaresmeiras. Segundo os pesquisadores, as plantas estressadas sabem que terão vida mais curta e produzem mais flores para garantir mais sementes e mais “descendentes”. A floração é a forma de perpetuação da espécie. Nas quaresmeiras, as mais velhas vão ficando cada vez mais exuberantes.



A Origem das Quaresmeiras contada pelos indígenas

Por várias vezes tamoios e portugueses se enfrentaram e no ano de 1566 aconteceu um grande combate entre os dois povos. Esse episódio ficou conhecido na história como a guerra das canoas, que se desenrolou ao redor de Paquetá (RJ) e que dizimou toda a tribo tamoio que vivia na Ilha.



Dizem que os tamoios, já prevendo essa derrota e a extinção da sua tribo, providenciaram com antecedência um grande ritual religioso em que invocaram os espíritos dos seus ancestrais para que, de alguma forma, ficasse marcado para sempre, que o chão e a Natureza desta ilha das muitas pacas era território deles, e a eles pertencia.

Não há concordância em relação ao local em que tal rito ocorreu, se na Imbuca, ou na Lagoa Grande. Em cada um desses locais havia uma taba da tribo de Paquetá, e cada uma delas era dirigida por um cacique, além do Pajé, que era o mesmo para as duas aldeias. Eram pois três chefes: dois temporais e um espiritual.

E foi em torno deles que ficou estabelecido o sinal para marcar a posse indígena de Paquetá. Ficou combinado que os espíritos dos ancestrais usariam para marcar esse fato, as mesmas cores que cada um dos três caciques costumava usar nos seus cocares e nos seus colares. O da Imbuca preferia o amarelo das penas dos bem-te-vis, o da Lagoa

Grande preferia as flores azuis das bromélias que enfeitavam as margens dessa grande lagoa e o Pajé andava sempre ornamentado com vários colares de conchas cor-de-rosa, que existiam em quantidade nas praias de Paquetá.



.E os mais antigos contam que foi depois da guerra das canoas, quando morreram todos os indígenas de Paquetá e os seus três caciques, que começaram a aparecer mata atlântica, essas três grandes árvores ornamentais: o Ipê amarelo, que floresce principalmente na Imbuca, as quaresmeiras, que enfeitam de roxo as encostas, e as paineiras da curva do vento, que sempre enfeitam Paquetá com as suas grandes flores cor-de-rosa. Dizem que elas simbolizam aqueles três grandes chefes tamoios.

Fonte: Portal São Francisco

QUERO QUERO



O quero-quero é uma ave de porte médio a pequeno, com 32 a 38 cm de comprimento e 300 a 320 g de peso. Não há dimorfismo sexual. Quando adulto, ostenta esporões no ângulo das asas, usados como arma de ataque e defesa. Tem plumagem negra orlada de branco na testa e na garganta, e uma larga área negra no peito. Do topo da cabeça e lados do pescoço, até o dorso, é cinza, podendo ter um tom de marrom ou azul. As escápulas têm cor de bronze, as penas externas das asas passam dos tons acinzentados junto ao corpo até o branco, terminando em um azul-escuro quase negro.

Por dentro as asas são brancas com extremidades do mesmo tom escuro. A cauda repete o mesmo padrão, mas possui uma fina faixa branca na extremidade. O abdômen é branco, a íris do olho é vermelha, o bico passa do vermelho ao negro na ponta, e as patas são avermelhadas. Tem um penacho fino de cor cinza ou negra na região posterior da cabeça. As subespécies apresentam como distinção ligeiras variações nessas características. Os recém-nascidos possuem uma penugem esparsa cinza-escuro ou castanha pintalgada de negro, já apresentando a típica mancha negra no peito, com o dorso do pescoço e o baixo ventre esbranquiçados.



*Quero-quero vai voando
e os esporões vai batendo.
Quero-quero quando grita
alguma coisa está vendo.*

(Lisboa, Henriqueta. *Literatura oral para a infância e a juventude: lendas, contos & fábulas populares no Brasil*. Editora Peirópolis, 2002, p. 24)

Até mesmo os humanos, como fazendeiros e industriais, muitas vezes usufruem da “guarda” exercida pelo quero-quero, embora às vezes ela também possa ser incômoda. É comum que jogadores de futebol tenham que se esquivar deste pássaro, que frequentemente escolhe os gramados dos estádios como local de moradia.

O *Vanellus chilensis*, nome científico do quero-quero, também é conhecido como tetéu, téu-téu, terém-terém e espanta-boiada e pode ser encontrado em toda América do Sul e Central. A maioria dos nomes comuns da espécie são onomatopéias do seu canto. Alimenta-se de sementes, artrópodes, moluscos, insetos e peixes. Para pescar, usa técnica semelhante à das garças: agita a lama com as patas para provocar a fuga de suas presas.



Sua cor predominante é o cinza-claro, com detalhes pretos na cabeça, peito e cauda. A barriga é branca e a asa tem penas verde-metálicas. A cabeça é enfeitada por um penacho, enquanto as pernas e o bico são vermelhos. Na dobra de cada asa, possui um esporão ósseo de cerca de um centímetro de comprimento, usado para desencorajar rivais da mesma espécie e predadores. O macho é menor do que a fêmea.

As fêmeas colocam de três a quatro ovos em uma cavidade no solo. O quero-quero defende então seu ninho com valentia ou passando-se por um animal ferido, atraindo os predadores para longe do local. Seus ovos são manchados, de modo a serem confundidos com o solo, e têm o formato de pêra ou pião, o que faz com que não rolem lateralmente, mas sim sobre seu próprio eixo.

Folclore

O quero-quero aparece com frequência no folclore brasileiro em histórias, poemas, cantigas e tradições. Foi sagrada ave-símbolo do Estado do Rio Grande do Sul, pela Lei 7418, de 1º de dezembro de 1980.



Rui Barbosa o incluiu em um famoso discurso de 1914, quando citou a “figura imperatória do quero-quero, o chantecler dos poteiros. Este pássaro curioso, a que a natureza concedeu o penacho da garça real, o vôo do corvo e a laringe do gato, tem o dom de encher os descampados e sangas das macegas e canhadas com o grito estrídulo, rechinante, profundo, onde o gaúcho descobriu a fidelíssima onomatopéia que o batiza”.

Uma lenda conta que quando a Sagrada família fugiu do Rei Herodes, muitas vezes precisou se esconder no campo. Em uma dessas ocasiões, Nossa Senhora pediu a todos os bichos que fizessem silêncio, para não chamar a atenção dos soldados. Todos acataram o pedido, menos o quero-quero, que queria muito cantar e repetia: “Quero! Quero! Quero!”. Nossa Senhora lançou então sobre ele um encanto e a ave ficou ‘querendo’ para sempre.

AMEAÇA ÀS AVES DO CERRADO

(Luiza Brasileiro)

O Brasil, um dos países megadiversos, é detentor de uma das maiores riquezas de avifauna do mundo. Este título, no entanto, traz associado consigo outras marcas não tão louváveis, como a posição de destaque do nosso país também na perda de tal riqueza.

O Cerrado, tradicionalmente pouco valorizado devido a sua aparência pouco exuberante, é uma das savanas mais ricas do mundo, além de um dos biomas mais ricos do país. A grande diversidade encontrada no Cerrado, dentre outros motivos, é devida a sua antiguidade, sua heterogeneidade de fitofisionomias, bem como ao fato de fazer fronteira com quase todos os outros biomas brasileiros (com exceção dos campos sulinos).

Em relação à avifauna, ocupa o 3º lugar em riqueza, atrás apenas da Amazônia e Mata Atlântica. É também o 3º bioma com maior número de aves endêmicas: cerca de 50 (Gwynne *et al*, 2010) das mais de 800 espécies registradas, como o meia-lua-do-cerrado (*Melanopareia torquata*); o papa-mosca-do-campo (*Culicivora caudacuta*); o andarilho (*Geositta poeciloptera*); o mineirinho (*Charitospiza eucosma*); o campainha azul (*Porphyrospiza caerulescens*) e o tapaculo-de-brasília (*Scytalopus novacapitalis*) (Gwynne *et al*, 2010).

Tapaculo de Brasília. Ave descoberta em 1957, com a realização da 1ª pesquisa científica de aves para a construção de Brasília.



Foto: Nick Athanas

Disponível em: <http://ibc.lynxeds.com/photo/brasil-tapaculo-scytalopus-novacapitalis/dorsal-view>

Campainha azul, azulão do cerrado ou azulinho do bico de ouro (macho a esquerda e fêmea a direita). Além de endêmica, espécie considerada próxima de ameaça de extinção.



Foto: P. Lima

Disponível em: www.ao.com.br/download/porphyro.pdf

Ao analisar apenas os táxons ameaçados, infelizmente, subimos de posição, ficando em 2o lugar, atrás apenas da Mata Atlântica (Marini & Garcia, 2005). Este fato se dá principalmente devido à grande pressão antrópica sofrida por esses biomas, levando a considerável perda de habitat não apenas das aves, mas de praticamente todos

os grupos de vertebrados. No caso do Cerrado, tal perda de habitat tem se dado sobretudo devido ao avanço da fronteira agrícola, especialmente a soja, favorecendo algumas poucas espécies mais tolerantes e prejudicando muitas outras.

Um estudo realizado no Distrito Federal em 2001 indicou que nada menos que 43% do total de aves do Cerrado e 80% das aves do DF foram registradas em quatro das mais representativas áreas protegidas do DF, sugerindo a importância destas áreas para a preservação da classe, bem como a ameaça da destruição de habitats.

Assim, nas palavras do pesquisador Carlos Bianchi, do IBAMA, referindo-se à ampliação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, em razão da descoberta do raro pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*) na região: “Apesar de estar cada vez mais em perigo, as aves do Cerrado [ainda] são capazes de ajudar o homem na conservação da natureza.”

Pato mergulhão. Aparece tanto na lista de espécies ameaçadas do Ministério do Meio Ambiente (ameaçado) quanto da IUCN (criticamente em perigo). É considerado hoje uma das espécies neotropicais mais ameaçadas

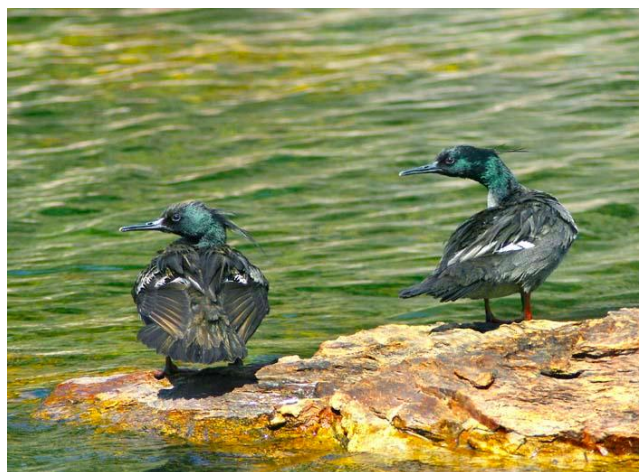


Foto: Lester Scalon

<http://institutocerradoesociedade.blogspot.com.br/>